

# **“PETRIFICADO FIQUEI! AINDA HOJE, ATÉ AGORA”: USOS DO PASSADO, MEMÓRIA TOPOGRÁFICA E MONUMENTALIZAÇÃO DO POETA JOÃO SAPATEIRO EM LARANJEIRAS/SE**

CLOVIS CARVALHO BRITTO  
*Universidade Federal de Sergipe (UFS)*

## **RESUMO**

O artigo analisa as estratégias de produção da crença no poeta João Silva Franco (1918-2008), conhecido como João Sapateiro, cujo legado instituiu uma memória topográfica protagonizada pela cidade de Laranjeiras/SE. Para além da análise de sua poética, visualizamos as estratégias de manipulação de seu legado destacando como o escritor e seus herdeiros legais e simbólicos promoveram agenciamentos em prol de sua distinção nas tramas da economia simbólica. Analisando a publicação de suas obras, a instituição de vigilâncias comemorativas e, principalmente, a instalação de uma estátua em sua homenagem no centro da cidade de pedras e de palavras, observamos os usos do passado, a instituição de uma memória topográfica e a trama de sua monumentalização como uma das figuras centrais na batalha das memórias que institui personalidades significativas no campo do patrimônio cultural de Laranjeiras/SE.

**PALAVRAS-CHAVE:** João Sapateiro; Patrimônio; Monumentalização.

## **ABSTRACT**

This paper analyzes the production strategies of belief in the poet John Silva Franco (1918-2008), known as João Sapateiro, whose legacy established a topographic memory in the city of Laranjeiras/SE. In addition to the analysis of his poetic, we see his legacy and as the writer, legal heirs and symbolic promoted strategies in favor of his distinction in the symbolic economy. Analyzing the publication of his works, the institution of commemorative surveillance and especially the installation of a statue in his honor in the city center of stones and words, we look at the uses of the past, the establishment of a topographic memory and the weft your monumentalization as one of the central figures in the battle of memories establishing significant personalities in the cultural heritage of Laranjeiras/SE.

**KEYWORDS:** João Sapateiro; Heritage; Monumentalization.

O artigo analisa as estratégias de produção da crença no poeta João Silva Franco (1918-2008), conhecido como João Sapateiro, cujo legado instituiu uma memória topográfica protagonizada pela cidade de Laranjeiras/SE. Para além da análise de sua poética, visualizamos as estratégias de manipulação de seu legado destacando como o escritor, herdeiros legais e simbólicos promoveram agenciamentos em prol de sua distinção nas tramas da economia simbólica. Analisando a publicação de suas obras, a instituição de vigilâncias comemorativas e, principalmente, a instalação de estátuas em sua homenagem no centro da cidade de pedras e de palavras, observamos a trama de sua monumentalização como uma das figuras centrais na "*batalha das memórias*" que institui personalidades significativas no campo do patrimônio cultural de Laranjeiras/SE.

O autor chama para si a tarefa de dar voz àqueles tradicionalmente silenciados e, para seu empreendimento artístico, reescreve microscópicas relações, repassando a limpo a história oficial a partir de outras espacialidades. Na esteira das reflexões de Maria Cristina Machado<sup>1</sup> poderíamos supor que ele teria desenvolvido uma sensibilidade sociológica, atrelada especialmente às transformações que caracterizaram o processo de emergência e configuração da sociedade capitalista no Brasil. Sentindo as dificuldades da profissionalização literária optou por desenvolver estratégias visando conquistar sua inserção mesmo que, para tanto, fosse necessário poetizar as contradições e a violência simbólica que presenciou ou ouviu contar, a exemplo das estratégias anteriormente desenvolvidas na prosa por Lima Barreto e João do Rio. No mesmo sentido, o poeta não inaugurou esse projeto sem antes beber na fonte da tradição lírica moderna e modernista. Ao privilegiar uma poesia que reabilita a marginalidade, ele se conectou com autores que desentranharam o heroísmo poético do lixo humano:

No caso do Brasil, essa tendência tornou-se prática consciente e coletiva a partir dos modernistas de 22, que, rejeitando a distinção entre temas poéticos e não poéticos, optaram pela poetização do que até então permanecera fora das esferas poéticas. E o que estava fora dessas esferas também estava, muita vez, fora das margens sociais. É assim que vamos encontrar personagens como o carregador de feira-livre João Gostoso, de 'Poema tirado de uma notícia de jornal', de Manuel Bandeira, o moço leiteiro, de 'Morte do leiteiro', de Carlos Drummond de Andrade, os indivíduos ínfimos celestados pela poesia de Manoel de Barros, as 'vidas obscuras' iluminadas pela lírica de Cora Coralina, enfim, todos esses personagens que representam uma interpretação pessoal, um desdobramento da preferência modernista por poetizar os tipos humanos que até então permaneciam fora da poesia e da vida<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto: um pensador social na Primeira República*. Goiânia: Ed. da UFG; São Paulo: Edusp, 2002.

<sup>2</sup> YOKOZAWA, Solange Fiúza Cardoso. Confissões de Aninha e memória dos becos. In: BRITTO, Clovis Carvalho; CURADO, Maria Eugênia; VELLASCO, Marlene. *Moinho do tempo: estudos sobre Cora Coralina*. Goiânia: Kelps, 2009, p. 201-202.

A inserção marginal de João Sapateiro juntamente com sua ousadia contribuiu para que seu projeto literário trouxesse as marcas dessa tradição ao poetizar o considerado não poético tendo como especificidade o fato dessa tradição ser renovada a partir do olhar de dentro das margens. O escritor tinha consciência de que era necessário incorporar a seus textos novos temas e problemas e, por isso mesmo, optou por reorganizar a história considerada oficial, recontando-a, selecionando-a, inserindo novos fatos, rasurando passagens e conferindo voz a personagens até então destinados ao esquecimento histórico. Nesse aspecto, seu projeto literário é pautado por uma memória espacializada onde Laranjeiras foi eleita como principal espaço memorial.

Desse modo, é relevante identificarmos o lugar onde ocorrem as relações descritas pelo imaginário do poeta: a poesia de Sapateiro é a poesia de Laranjeiras. Não há como negligenciar o laço umbilical. O autor deixa transparecer sua opção no antológico poema “Cântico aos Laranjeirenses”, escrito em 1950. A partir desse entendimento, podemos ousar e dialogar com a definição de memória topográfica de Willi Bolle<sup>3</sup>, formulada quando identificou na obra de Walter Benjamin afinidades entre as estruturas da cidade e dos indivíduos que nela vivem. Em suas interpretações, história, biografia e mitologia seriam fios de um mesmo tecido – a memória. A memória topográfica não reconstruiria os espaços pelos espaços, eles se tornariam pontos de referência para captar experiências sociais e espirituais. Laranjeiras transformou-se em palco para o estabelecimento dessa memória repleta de significados, captados e reconstruídos por João Sapateiro entre um exercício de afetividade e percepção crítica.

Nesses termos, sublinha uma memória espacializada, fossilizada no espaço, reverberando as tramas de indivíduos acopladas a uma costura de lugares, próprias das práticas precatórias da folia. Talvez, por isso, a memória em Benjamin possa ser aproximada à arqueologia:

A memória não é um instrumento para a exploração do passado, é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como o homem que escava. (...) Uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna*: representação da história em Walter Benjamin. São Paulo: Edusp, 1994.

<sup>4</sup> BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Obras escolhidas. Vol. 2. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 239.

Visualizando os fragmentos, Benjamin recomporia o todo. Os estilhaços da memória funcionariam como metáfora e metonímia do vivido e do imaginado. Trata-se, conforme destacou Bolle, de uma estética constelacional e fragmentária. Por isso as cidades, que habitam os homens, constituem em húmus das recordações estimulando a tessitura de mapas afetivos: "lugares e objetos enquanto sinais topográficos tornam-se vasos recipientes de uma história da percepção, da sensibilidade, da formação das emoções"<sup>5</sup>. Saber incorporado, o corpo seria o espaço por excelência dessa memória topográfica na costura entre as expressões individuais e as representações coletivas.

Nesse sentido, fazemos coro com Cristina Freire quando observa que o espaço da cidade atualiza questões ligadas à preservação e à destruição de um modo menos programático, mais desorganizado. Por isso, alguns "monumentos" evocados nessa operação topográfica surgem pela ausência, sendo necessário recuperá-los a partir da investigação de vestígios, das camadas de sentido que os constituíram ao longo do tempo. Reitera, assim como Benjamin, uma inspiração nos procedimentos arqueológicos ao supor camadas sedimentadas, encobertas pelo tempo:

O procedimento da escavação não é, portanto, tão fantasioso assim e guarda estreitas analogias com a investigação da psique humana. (...) Mais de uma vez Freud relacionou seu trabalho com o do arqueólogo que escava, à procura do desconhecido. Para Donald Kuspit, entender a metáfora arqueológica é entender o cerne do pensamento psicanalítico. Nessa perspectiva, o psiquismo se estrutura em três níveis: uma camada mais profunda que denominou de inconsciente, uma camada intermediária – o pré-consciente – e uma mais superficial, acessível à razão – o consciente. Tanto mais profundo, maior a inacessibilidade dos conteúdos. O modelo é topográfico e arqueológico. Outro elemento comum às duas disciplinas é a referência a um passado que retorna. (...) Por outro lado, a arqueologia traz essa associação entre vida e morte, revelando centelhas de vida em objetos que se consideravam mortos, porque desaparecidos. No entanto, a reedição do passado se faz a partir do presente, dentro das circunstâncias reservadas a cada um dentro de sua história de vida já sedimentada no social e, a partir daí, realizamos a nossa experiência de lembrar<sup>6</sup>.

Desse modo, a arqueologia seria uma afirmação de que não existe amnésia, o passado existente em nossa volta estaria sedimentado no presente, sob a forma simbólica da memória, condensando uma diversidade de tempos e de espaços. Por isso é oportuna a categoria benjaminiana "memória topográfica": a topografia das cidades e as lembranças individuais concebidas

<sup>5</sup> BOLLE, op. cit., 1994, p. 335-336.

<sup>6</sup> FREIRE, Cristina. *Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*. São Paulo: Annablume, 1997, p. 138-139.

como mapas de pensamento. As narrativas constituiriam em um dos "sítios arqueológicos" ricos para a captura dessas camadas de experiência.

Questões que podem ser observadas, por exemplo, a imagem das pedras acionadas pela poética de João Sapateiro. Conforme destacou Eclea Bosi<sup>7</sup>, as pedras são importantes para a memória dos velhos, lembranças e esquecimentos apoiados nas pedras das cidades onde viveram, representam tanto um elo entre passado e presente, quanto um testemunho que resistiu à passagem do tempo. Nesse sentido, a obra e o ofício do poeta se cruzam. As pedras de Laranjeiras são o suporte de memória que articulam a vida de seus moradores, auxiliando na elaboração de um mapa afetivo da cidade. Do mesmo modo, os sapatos artesanalmente consertados caminhavam sobre essas pedras e guardavam memórias em trânsito. Tempo e espaço articulados. Talvez seja por essa razão que Tilza Ribeiro afirme a função desintegradora do tempo, de desgastar as formas, umas mais firmes do que outras: "É o caso das pedras, que são apenas lavadas pelo tempo, mas não se movem. O tempo há de ser paciente para desgastá-las pouco a pouco"<sup>8</sup>. Torna-se um poderoso símbolo de permanência, de resistência.

Não é por acaso que escolhemos como título um dos versos do autor quando ele próprio problematiza essa condição: "Petrificado fiquei! Ainda hoje, até agora"<sup>9</sup>, se referindo ao sentimento de timidez que carregou por toda vida, arrependido pelo beijo que não deu em sua primeira namorada, sentimento que resistiu ao tempo. Torna-se, segundo analisamos, uma importante metáfora da imortalidade. Questões que remetem ao trabalho de Peter Burke quando avaliou a construção da imagem pública de Luís XIV a partir da máquina de propaganda do monarca e das interações entre poder e arte<sup>10</sup>. Análise que descortina como o "imortal" foi fabricado e, por essa razão, se aproxima das pesquisas pioneiras das antropólogas Regina Abreu<sup>11</sup> e Alessandra El Far<sup>12</sup> relativas ao trabalho de encenação/fabricação da "imortalidade" promovido por herdeiros e instituições detentoras de acervos pessoais no Brasil.

Ao discutir a fabricação da "imortalidade" de Miguel Calmon a partir da doação de seu acervo ao Museu Histórico Nacional, Regina Abreu<sup>13</sup> (1996) oferece um instigante painel das estratégias de consagração no Brasil na primeira metade do século XX. Utilizando os objetos tridimensionais, o acervo

<sup>7</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

<sup>8</sup> RIBEIRO, Tilza Antunes. Memória e lirismo das pedras e perdas em Cora Coralina. *In: DENÓFRIO, Darcy França; CAMARGO, Goiandira Ortiz de (Orgs.). Cora Coralina: celebração da volta*. Goiânia: Cãnone, 2009, p. 158.

<sup>9</sup> *In: FRANCO, Joselito de Jesus; GUIMARÃES, Danielle Virginie Santos (Orgs.). Mensagens: João Sapateiro. Laranjeiras/SE: Prefeitura Municipal, 2008, p. 37.*

<sup>10</sup> BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. 2. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

<sup>11</sup> ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

<sup>12</sup> EL FAR, Alessandra. "A presença dos ausentes": a tarefa acadêmica de criar e perpetuar vultos literários. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2000.

<sup>13</sup> ABREU, op. cit., 1996.

documental do titular e as formas de gestão de sua memória como centro de sua investigação, demonstra como simples mortais podem "fabricar o imortal", as condições que essa fabricação perdurou, se alterou e desapareceu. O trabalho analisa a construção da representação do homem público por seus familiares e pela instituição de guarda do acervo e oferece subsídios para a compreensão das forças mobilizadas para a encenação da história brasileira. A doação do acervo Calmon ao museu não constituiu em um gesto desinteressado, sinaliza modos de formação e recomposição das elites e o alto capital de legitimação que o Museu Histórico Nacional deteve na elaboração de determinada versão da história do país. No intermezzo das tramas de consagração reafirma a importância da atuação pública do indivíduo para a fabricação do "imortal" e sua contribuição para a coletividade. Para tanto, a permanência póstuma se institui na batalha das memórias em torno da importância de seu legado, dos feitos conquistados pelo titular, de mecanismos de visibilização coerentes com o perfil que se pretende "imortalizar".

Se o Museu Histórico Nacional foi criado para guardar e expor relíquias e cultivar a lembrança dos grandes homens do país, o culto a certos objetos e personagens do passado seria uma forma de afirmá-los no presente. Daí os mecanismos simbólicos para selecionar os nomes que comporiam a história que a direção da instituição (e não apenas ela) queria ressaltar e a ciência de que, por meio das doações dos acervos, alguns grupos estariam se materializando (no caso, as elites aristocráticas) em troca de objetos não palpáveis, como honra, prestígio e legitimidade. Todavia, demonstra que essa tradição forjada composta pela eleição de "pessoas-símbolo da nacionalidade" necessita de constantes "guardiões" para que o discurso de autoridade se perpetue ou se atualize, sob o risco de o "imortal" ser desfabricado e de sua trajetória cair no esquecimento.

Interesses que permeiam o trabalho de Alessandra El Far quando investigou o papel da Academia Brasileira de Letras na criação e perpetuação de vultos literários, especialmente em suas três primeiras décadas de vida. Examinando a criação da Academia e a tentativa de configurar uma memória comum que unisse a nação em torno de um mesmo culto, demonstra como os membros da instituição desenvolveram mecanismos para o estabelecimento da "presença dos ausentes". Visando zelar pela língua e pela literatura brasileira, abraçaram a tarefa de garantir e promover a memória de seus membros a partir do modelo da Academia Francesa que preconizava o estatuto da "imortalidade": "todos aqueles que pertencessem aos quadros da associação nascente seriam qualificados de imortais, tendo seu nome e sua obra enaltecidos pelos demais e lançados à posteridade nas sucessivas sessões ordinárias e celebrativas"<sup>14</sup>.

Para tanto, decidiram escolher um patrono para cada uma das 40 cadeiras que reafirmaria a tradição (mesmo que inventada), fabricar bustos e retratos, elaborar estudos biográficos, reunir os restos mortais de seus membros, e abrigar acervos e objetos pessoais dos literatos. Segundo informa, as estratégias de consolidação da memória institucional e das memórias de

<sup>14</sup> EL FAR, op. cit., p. 129.

cada membro tinham seu ápice nas sessões destinadas a recepção de novos acadêmicos. Por meio de uma teatralização delineada minuciosamente, sublinhavam a tradição através de discursos que enalteciam a vida e obra dos patronos e membros já falecidos: “através de uma encenação repleta de detalhes, reafirmavam-se perante a sociedade, simultaneamente, o valor institucional de uma agremiação literária e a genealogia de seus integrantes”<sup>15</sup>.

Com o tempo, as reuniões da Academia se tornaram um evento da alta sociedade carioca e, após a aquisição de certa estabilidade institucional, adotaram o uso do uniforme, confeccionado especialmente para essas celebrações. O fardão seria, conforme assinala El Far, uma forma de fixar os limites de uma “fronteira social”, que ao mesmo tempo distinguiria os acadêmicos e reforçaria a unidade do grupo e o valor da corporação. O que estava em jogo era encenar a “imortalidade” forjando uma linearidade genealógica entre seus membros e transformando determinados literatos em expoentes nacionais, tornando uma das instituições responsáveis, ainda hoje, por acionar determinadas engrenagens do campo literário.

Essa imagem se torna mais significativa quando observamos como os acervos pessoais de escritores colaboram para encenar a imortalidade de seus titulares e garantir, ao mesmo tempo, lucros simbólicos e econômicos aos seus herdeiros legais ou simbólicos. De acordo com Luciana Heymann, as especificidades dos acervos pessoais possibilitam tanto a análise dos conteúdos e contextos de produção dos documentos, quanto dos investimentos de acumulação, ou seja, da intenção acumuladora, já que os acervos pessoais são submetidos não a injunções administrativas, mas aos desígnios do indivíduo: “Não se trata de descurar das relações que conectam atividades desempenhadas e registros documentais, mas de atentar também para a relação que cada titular manteve com documentos, para os usos que cada um deu aos registros e para os atributos que lhe foram conferidos”<sup>16</sup>.

Desse modo, a pesquisadora demonstra que apesar de ser sugestivo pensar o arquivamento como uma “narrativa de si”, nem todos os procedimentos arquivísticos podem ser relacionados a motivações memoriais. O acervo documental resulta de diferentes gestos operados em diferentes momentos o que possibilita-nos captar temporalidades diversas dos próprios titulares para além de motivações únicas:

Entender os conjuntos documentais de natureza pessoal como produtos de investimentos sociais mais do que como produtos ‘naturais’ da trajetória dos indivíduos, como depositários de valores e representações, e não, simplesmente, como registros de atividades, pode ajudar-nos a desvendar significados e avançar na tarefa de refletir sobre os procedimentos mais adequados ao seu tratamento. Investimentos pessoais, imagem

<sup>15</sup> Ibid., p. 126.

<sup>16</sup> HEYMANN, Luciana Quillet. *De arquivo pessoal a patrimônio nacional: reflexões sobre a construção social do “legado” de Darcy Ribeiro*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2009, p. 54.

pública e personalidade se objetivam nos arquivos pessoais e nos usos dados a eles pelos titulares ou por seus herdeiros, fornecendo chaves para sua compreensão que vão além das tradicionais associações entre trajetórias e documentos. Nem sempre a acumulação documental é reflexo de uma atividade passada; ela pode ser função de uma ação projetada para o futuro. Apenas pesquisas em profundidade, que tomem cada conjunto documental como objeto de análise, poderão desvendar usos e sentidos associados a cada arquivo pessoal<sup>17</sup>.

Compreender as relações entre acervos literários e economia simbólica consiste em considerar as estratégias de manipulação da memória dos titulares e os lucros simbólicos e materiais decorrentes dessa manipulação. Tarefa empreendida em vida pelos integrantes do campo de produção simbólico em busca do estabelecimento de legitimidades manifestas nas formas de prestígio, autoridade e distinção, conforme afirma Bourdieu<sup>18</sup>. As lutas pela distinção são constantes e torna-se necessário um contínuo processo de reavaliação, reinvenção e reverberação da memória literária dos agentes a quem se pretende "imortalizar". Na verdade, os acervos literários possuem valor estratégico nesse processo, já que consistem em indícios e manifestação material de determinados aspectos da trajetória e das obras que interessam consagrar. Surgem, assim, mecanismos que conferem legitimidade (e ilegitimidade) a ações empreendidas em nome da prevalência de determinadas leituras sobre o passado (versões concorrentes) e do monopólio do direito de falar sobre o passado (capitais diferenciados).

É por essa razão que seguimos a opção de Luciana Heymann ao visualizarmos como os acervos interferem na construção de legados. Não apenas como herança material e política deixada às gerações futuras, mas entendidos como investimento social em virtude do qual uma determinada memória individual é transformada em exemplar ou fundadora de um projeto, ou, em outras palavras, ao trabalho social de produção da memória resultante da ação de "herdeiros" ou "guardiães": "a produção de um legado implica na atualização constante do conteúdo que lhe é atribuído, bem como na afirmação da importância de sua rememoração"<sup>19</sup>. Os agentes interessados se utilizam dos acervos como instrumentos úteis para a criação, manutenção e divulgação da memória do personagem, fomentando a criação de espaços de evocação da imagem e de atualização da trajetória do titular por meio de trabalhos acadêmicos, reedições, exposições, eventos e comemorações. Não desconsideramos as estratégias que o próprio titular forjou com vistas à criação de uma memória que sobrevivesse a sua morte, das quais a constituição do acervo pessoal seria um ilustrativo exemplo. Mas o que nos interessa é perceber as apropriações posteriores dessa memória e as formas de encenação da "imortalidade" instituídas pelos agentes e instituições que se revestem da

<sup>17</sup> HEYMANN, op. cit., p. 55-56.

<sup>18</sup> BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

<sup>19</sup> HEYMANN, Luciana Quillet. Cinquenta anos sem Vargas: reflexões acerca da construção de um "legado". *XXVIII Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu, 2004, p. 3.



condição de “herdeiros” ou “guardiães” dessa memória. Por isso a produção do legado se estabelece conjuntamente com a produção da crença nesse legado.

Para além da existência de uma trajetória e de um projeto criador considerado excepcional, torna-se necessário que a energia social produzida em torno de um nome próprio se estenda ao longo do tempo. Quanto maior a extensão cronológica do prestígio, maior é a eficácia dos mecanismos materiais e simbólicos mobilizados contra a ameaça do esquecimento. Desse modo, não basta ser um escritor conhecido e reconhecido em sua geração, é necessário reunir subsídios para que sua obra conquiste perenidade ou reconquiste o prestígio perdido ou não obtido em outros tempos. Tarefas empreendidas não apenas pelos herdeiros legais e simbólicos do autor, mas pelo conjunto de agentes que integram o espaço de possíveis expressivos de produção simbólica: escritores, editores, críticos literários, biógrafos, jornalistas, instituições de ensino e cultura, dentre outros. Aqui é importante compreendermos as ações empreendidas pelo artista (e *post mortem* pelos demais agentes) para a gestão e manutenção do capital de legitimidade acumulado. Ações que convergem para o estabelecimento de uma “marca” distintiva, identificada com o capital simbolizado por seu nome e renome e, conseqüentemente, com a posição ocupada no campo artístico.

Como exemplo dessas estratégias fundadoras do campo de produção simbólico, teceremos algumas reflexões iniciais a respeito das vigilâncias comemorativas e de outras ações em torno da monumentalização da vida e obra de João Sapateiro. Nesse sentido, um dos principais sustentáculos dessa “invenção da imortalidade” consistiu no acervo pessoal do poeta, fruto de seleções promovidas em vida pelo autor e posteriormente por seu filho, Joselito de Jesus Franco (Koka). Fabricar e guardar esses documentos configurava uma prática de olhar para si e construir uma identidade, selecionando e incorporando auto-representações e representações que outros elaboravam<sup>20</sup>.

Os papéis de João Sapateiro consistiram em fruto de acumulação de décadas, a maioria elaborada em sua casa e em sua sapataria: “Discreto, mas de boa conversa, o sapateiro exibia, em sua oficina de trabalho, folhas de papel pautado, repletas de palavras escritas em letras de forma, fixadas nas paredes e nos poucos móveis de seu canto laboral. Eram trovas, pequenos e longos poemas, que surpreendiam a freguesia”<sup>21</sup>. Acervo documental que subsidiou as suas coletâneas de versos e rendeu uma “explosão discursiva” após sua morte em 2008. Esses discursos contribuíram para o que designamos de monumentalização de João Sapateiro no campo cultural de Laranjeiras/SE, ou seja, o processo de invenção da imortalidade, quando uma pessoa passa a

<sup>20</sup> DELGADO, Andréa Ferreira. *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

<sup>21</sup> BARRETO, Luiz Antônio. Um poeta e seu ofício. In: FRANCO, Joselito de Jesus; GUIMARÃES, Danielle Virginie Santos (Orgs.). *Mensagens: João Sapateiro*. Laranjeiras/SE: Prefeitura Municipal, 2008, p. 7.

integrar o patrimônio de uma nação ou região, tornando-se homem ou mulher-monumento<sup>22</sup>.

No ano de sua morte, a Prefeitura de Laranjeiras patrocinou a edição do livro *Mensagens: João Sapateiro*, organizado por Danielle Virginie Santos Guimarães (Edição de texto) e pelo filho do poeta, o também poeta Joselito de Jesus Franco – Koka (Pesquisa e seleção dos textos). A obra contou com poemas e fotografias do acervo do poeta e com textos introdutórios de Genaro Brota, Paulo Menezes Leite e Luiz Antônio Barreto. A publicação e promoção fazem circular no campo cultural sergipano lucros simbólicos em nome da obra do poeta em um sistema de reciprocidades que também eleva a patrocinadora, os organizadores e prefaciadores, espécies de fiadores da importância e da autoridade. Não é sem motivos também que fotografias e desenhos do autor marquem a capa e o interior do livro, em uma deliberada intenção biográfica e de marca distintiva no campo cultural.

Isso prova que além de seu conteúdo, a materialidade do acervo pessoal aciona memórias de e sobre João Sapateiro contribuindo para a fabricação de determinados repertórios sobre a personagem e, por isso mesmo, articulando valor econômico e simbólico. A gestão do legado consiste em promover a vida e obra do autor, reatualizando e ritualizando determinadas versões construídas por ele e por outros agentes de acordo com os interesses dos herdeiros, das instituições de guarda e promoção e do campo literário vigente.

Aqui nos aproximamos das leituras de Eneida Cunha ao analisar tais características na Casa de Jorge Amado, considerando que assim como um texto autobiográfico a Casa impõe sua própria narrativa, aberta à leitura, mas resistente a interpretações que possam desvirtuar, rasurar ou alterar a imagem instituída do escritor, especialmente à instituição de biografias alternativas. Ou seja, ao se tornar detentora e gestora de um acervo e, ao mesmo tempo, um centro cultural atuante na vida da cidade, a instituição "detém a prerrogativa de uma 'atividade', que se faz em prol da divulgação, autorizada, de uma determinada imagem do escritor e de uma determinada vertente de leitura de sua obra"<sup>23</sup>.

Além da família de João Sapateiro, é evidente que a Prefeitura Municipal de Laranjeiras se tornou uma das principais divulgadoras de sua vida e obra no campo cultural local. Durante o Encontro Cultural de 2009, ações em torno da memória do poeta foram coordenadas pela gestão municipal a exemplo da reedição de seu livro *Coisas do coração*, a exposição "O poeta desenhado" e a exposição de parte de seu acervo pessoal.

Conforme analisa Luciana Heymann, as datas comemorativas não são dotadas de valor intrínseco, nem se justificam no passado. Seus significados resultam da atribuição de valor ao evento ou pessoa que se recorda, envolta nos imperativos do presente e nos lugares ocupados pelos agentes que comemoram. A importância desses eventos seria construir mecanismos que

<sup>22</sup> ABREU, Regina. Emblemas da nacionalidade: o culto a Euclides da Cunha. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.º 24, 1994.

<sup>23</sup> CUNHA, Eneida Leal. A "Casa Jorge Amado". In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Orgs.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 127.

legitimariam ações em nome da memória (sobre qual leitura do passado e o monopólio do direito de falar sobre o passado), acionando, assim, a rede de economia simbólica em torno de determinadas pessoas e fatos. Nesse aspecto, possuir acervos consiste em uma estratégia importante para adquirir essa legitimidade. Eles embasam exposições, pesquisas, publicações e, ao mesmo tempo, constituem em forma de “atestar” a importância das comemorações: “os acervos documentais e o capital de testemunho de que são investidos ocupam um lugar central, bem como os acervos museológicos e os atributos de autenticidade que conferem às peças sua força simbólica”<sup>24</sup>. Também é importante destacar que não basta possuir acervos, mas desenvolver estratégias para utilizá-los como trunfos ao subsidiar homenagens, o prestígio das instituições e pessoas deles responsáveis, as redes de relações desses agentes, os contatos nas esferas acadêmicas, governamentais e junto a agências de financiamento.

Exemplos disso consistem na instituição do Prêmio de Poesia Popular “João Sapateiro”, instituído em 2009 pela Prefeitura Municipal de Laranjeiras através da Secretaria de Cultura e já em sua quinta edição e na criação do Espaço João Sapateiro no *Bureaux* de Informações Turísticas/Secretaria de Cultura. Esse espaço abriga uma estátua do poeta doada em 2012 pela Associação dos Artistas Plásticos do Estado do Sergipe – AAPLASA, com projeto e confecção de Valter Santos. Todavia, uma das ações de maior visibilidade empreendidas pela municipalidade consistiu na inauguração da escultura de dois metros do poeta no centro de Laranjeiras, em 22 de novembro de 2012, obra do artista Elias Santos que por sua vez também recebe/doa capital simbólico ao realizar a escultura.

O escritor cuja obra erigiu uma memória topográfica da cidade se torna parte dessa topografia ao ser petrificado, garantindo, assim, sua “imortalidade”. Diariamente dezenas de pessoas se deparam com a presença marcante da escultura afixada em um dos bancos do Largo da Prefeitura lendo um livro. Inaugurada nas comemorações da Semana da Consciência Negra, consiste na primeira de uma série de estátuas que integrarão o projeto “Largo das Esculturas”, que terão em breve mais obras, a exemplo das estátuas do pintor Horácio Hora e do mestre da cultura popular Seu Deca do Cacumbi.

Enquanto as outras esculturas não são confeccionadas, João Sapateiro permanece desde 2012 petrificado na solidão de sua leitura, despertando interesse sobre sua vida e obra e integrando a paisagem de Laranjeiras. É comum depararmos com turistas e moradores tirando fotografias, apresentando danças, cantando músicas ou descansando ao lado da estátua. Tornou-se duplamente um monumento, assim como ocorreu com as estátuas dos poetas Carlos Drummond de Andrade, no Rio de Janeiro-RJ, e de Henriqueta Lisboa, em Belo Horizonte-MG. Ou, nas palavras de Jacques Le Goff, um documento-monumento, uma construção repleta de interesses que projeta uma imposição voluntária ou involuntária de futuro: “resultado de uma montagem, consciente

<sup>24</sup> HEYMANN, op. cit., 2004, p. 5.

ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio<sup>25</sup>.

### **Sobre o autor**

Clovis Carvalho Britto realiza estágio pós-doutoral em Estudos Culturais no Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e mestrando em Museologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). É professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS) vinculado ao Departamento de Museologia e ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Líder do Grupo de Pesquisa Sócio-Antropologia dos Patrimônios, Museus e Acervos (UFS).  
E-mail: [clovisbritto5@hotmail.com](mailto:clovisbritto5@hotmail.com).

*Artigo recebido 18 de março de 2015.  
Aprovado em 08 de outubro de 2015.*

---

<sup>25</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003, p. 537-538.